

SOCIEDADE DE CULTURA

ARTISTICA

142° SARAU



**THEATRO MUNICIPAL**

Terça-feira, 30 de Outubro de 1923  
ÁS 20 HORAS e  $\frac{3}{4}$



**Damnation de Faust**

OPERA EM 4 ACTOS  
MUSICA DE H. BERLIOZ

PELA COMPANHIA LYRICA  
WALTER MOCCHI



MAESTRO CONCERTADOR E DIRECTOR DA ORCHESTRA

**FRANCO PAOLANTONIO**

REGISSEUR GERAL

Com. **MARIO SAMMARCO**



DISTRIBUIÇÃO:

Margarida . . . . .	<b>Hina Spani</b>
Fausto . . . . .	<b>John Sullivan</b>
Mephistópheles . . . . .	<b>Marcel Journet</b>
Brander . . . . .	<b>M. Fiore</b>

Grande Corpo de Dança

Primeira dançarina absoluta e coreógrafa:

**Maria Olenewa**

# RESUMO

## DA

### Damnação de Fausto

#### 1º ACTO

**N**a Hungria. A scena representa um pavilhão campestre. Pelas altas janellas ogivaes se vê, um caminho que vae torcicolando atravez de floridos campos e suaves eminencias. O vulto espesso de uma fortaleza barra a estrada. Fausto, fiel aos seus habitos de solitario meditativo, alli se encontra só. As vozes coraes annunciam que os pastores, para comparecer á festa da Paschoa que então se celebra, vestiram o seu melhor facto e se engrenaldaram de flores. Affluem os camponios. E, na alegria que os domina, cantam em côro e conversam animadamente.

Ante tamanha expansão popular, Fausto, recolhido e triste, sente a melancolia profunda de quem se julga incompatível com aquellas expansões festivas.

Findam-se as dansas dos camponezcs e todos os olhares se voltam inquietos para a mole da escura fortaleza. Alguns individuos procuram elevar-se sobre os demais para melhor contemplarem o maravilhoso espectáculo, isto é, a sahida dos pelotões luzidos que deixam garbosamente as muralha do reducto. Obumbra-se o scenario.

Fausto insensível ao apparatus belicoso, considera desconsoladamente que o seu coração morreu para as glorias terrenas. A orchestra executa a marcha mllitar da Hungria.

## 2º ACTO

Na Allemanha do Norte. A scena representa o gabinete de Fausto. Dispostos pela sala veeni-ss os instrumentos de trabalho do sabio: altas estantes, pejadas de grossos alfarrabios, se aprumam de encontro ás paredes; frascos, retortas, compassos, astrolabios, se accumulam em desordem sobre as mesas e tamboretas. Numa grande chaminé, o fogo flameja sem descanso.

Fausto, immerso em profunda meditação, continua no seu isolamento habitual. De repente, o seu olhar cansado cahe sobre um frasco de veneno, que está sobre a mesa. A ideia do suicidio atravessa-lhe

o espirito como um corisco. E o sabio a si mesmo se pergunta: Quem sabe não lhe dará a morte aquillo que lhe tem negado a Vida? Leva aos labios a substancia toxica. Mas nesse instante, soam lá fora os carrilhões festivos, vibrando doces notas que veem accordar na alma entristecida de Fausto as reminescencias felizes dos seus dias infantis. Commove-se. Caem-lhe dos olhos lagrimas silenciosas.

Apparece Mephistopheles. Põe-se a zombar da crise sentimental do sabio. A commoção deste ante a melodia evocativa dos canticos religiosos e do bimbalar dos sinos, arranca-lhe gargalhadas de escarneo. Fausto se espanta com a extranha apparição do genio das trevas e pergunta a quem deve tão intepestiva visita. Responde-lhe Mephistopheles que ao Espirito da Vida, capaz de outorgar a todos a mais completa feiicldade em troca apenas de passiva e interminavel obediencia. Fausto acceta o pacto infernal e pede ao egresso das tartaricas regiões que lhe mostre as maravilhas do seu poderio.

Mephistopheles reafirma a sua força mas observa que ella não se fará sentir em toda a sua portentosa extensão emquanto se conservarem os interlocutores fechados na gelida estreiteza daquelle gabinete. Só no turbilhão remoinhante da vida poderão os homens fruir a magica belleza da existencia. Saem.

Transmuda-se o scenario. Estamos agora na taverna de Auerbach, em Lipsia. Ao fundo, a escada.

Varios individuos fazem libações alcoolicas e conversam. Fausto e Mephistopheles, de pé, á esquerda, acompanham a narrativa que Brander faz da "historia de um ratinho". Mephistopheles, com a sua mordacidade habitual, assignala a Fausto as tolices que vae proferindo o narrador.

Nova transmutação do scenario. Agora o que se ve são os prados e os frondosos bosques que margeian o Elba. Fausto dormita. E enquanto isso vae Mephistopheles embalando-lhe os sonhos com mavioso cantar. Despertando Fausto recorda um dos sonhos que tivera e a si mesmo pergunta se poderá encontrar um dia, transformada em mulher, a angelica apparição que vira em sonho. Mephistopheles responde-lhe affirmativamente, prometendo conduzi-lo á morada de Margarida.

### 3º ACTO

A scena se divide em duas partes : de um lado o quarto de Margarida; do outro, a estrada publica. Fausto, no aposento de Margarida, examina-o com curiosidade. Aparece Mephistopheles e aconselha Fausto a se esconder no jardim proximo. Margarida, que tambem tivera um sonho e que receia não encontrar jámais a bem amada figura entrevista enquanto dormia, entra em scena e põe-se a pentear os seus cabellos de oiro.

Mephistopheles convoca os espiritos infernaes.

Aos olhos espantados de Margarida, surge do lado do jardim a figura de Fausto, em quem ella reconhece o mancebo com quem sonhára. Fausto lhe declara o seu amor. E o par amoroso troca doces expressões e juras de affecto, quando entra Mephistopheles e annuncia que a mãe de Margarida não tarda a chegar. Saem Fausto e Mephistopheles. Ouve-se então o alarido dos visinhos, que vociferam contra a conducta irregular de Margarida. Esta estremece ao ouvir o vozerio impiedoso. Fausto, cheio de jubilo, abandona o sorridente jardim.

### 4º ACTO

Margarida, sosinha no seu quarto de dormir, pensa no seu amado.

Mas a scena logo se transforma : é agora uma floresta onde se escancaram as fauces de escurissimas cavernas. Fausto está só. Rende graças á Natureza pelo beneficio da vida. Mephistopheles, que de parte o escutou, a elle se dirige annunciando-lhe que Margarida foi presa como matricida. Surprehende-se Fausto. Mas Mephistopheles logo o esclarece : Margarida para recebel-o a sós, adormecia a poder de narcoticos a sua mãe vigilante e a ministração continuada de taes drogas acarretou-lhe a morte. Fausto supplica a Mephistopheles que salve Margarida. Mephistopheles promette fazel-o, desde que Fausto as-

suma o compromisso escripto de servil-o em tudo no dia immediato. A proposta é acceita. Muda-se a scena.

O corpo coral canta a Ave-Maria. Ao pronunciar-se o nome de Santa Margarida, um grito lancinante estruge os ares e um relampago risca o espaço e cahe sobre a cruz, abatendo-a. Fausto e Mephistopheles passam cavalgando dois negros corceis em marcha desabalada para o abysmo. Brame a orchestra. Durante a carreira vertiginosa, Fausto julga ver uma legião de esqueletos dansando macabramente em redor de si. Mephistopheles brada : Fausto é nosso!

No inferno. As chamma, rabeando furiosamente recebem Fausto. Rompe a orgia infernal.

De novo se transforma a scena, e termina a opera com uma apothéose a Margarida.

